

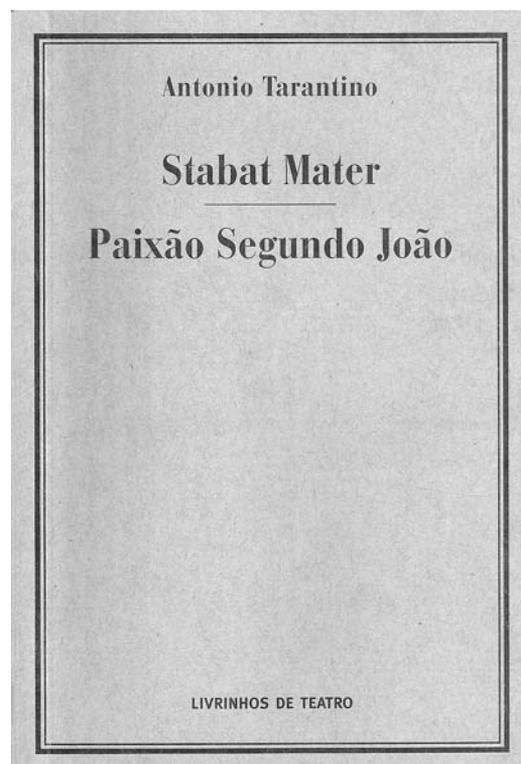
O teatro segundo Tarantino

Sebastiana Fadda

Antonio Tarantino, *Stabat Mater, Paixão segundo João*, tradução de Tereza Bento, Lisboa, Artistas Unidos – Livros Cotovia, Livrinhos de Teatro n.º 11, 2005, 160 pp.

Pouco se sabe de Antonio Tarantino. A breve bio-bibliografia redigida pelo mesmo para este Livrinho editado pelos Artistas Unidos – Livros Cotovia informa-nos que nasceu em Bolzano em 1938, estudou arte mas considera-se autodidacta, dedicou-se ao desenho e à pintura. Em 1993, aos cinquenta e cinco anos de idade, sem saber porquê nem sequer conhecer nada de teatro, impõe-se na cena italiana com a atribuição, por unanimidade do júri, do Prémio Riccione Ater para o Teatro às peças *Stabat Mater* e *Passione secondo Giovanni*, logo levadas à cena com êxito por grandes intérpretes como Piera degli Esposti e Lino Banfi. Muitas outras peças e prémios seguir-se-ão até aos nossos dias: *Vespro della Beata Vergine* (*Vésperas da Virgem Santíssima*) e *Lustrini* (*Brilhantes*), editadas em 1997 com as duas da estreia, compondo o volume *Quattro atti profani* (*Quatro actos profanos*, com um excelente prefácio de Elena de Angeli), levados à cena por Cherif no Teatro Valle de Roma e distinguidos com o Prémio UBU em 1998, acabados de sair em português com tradução de Tereza Bento nos Livrinhos de Teatro n.º 22; *Materiali per una tragedia tedesca* (*Materiais para uma tragédia alemã*) repete os feitos das peças anteriores, pois recebe o Prémio Riccione em 1998, é levada à cena pelo Piccolo Teatro de Milão, premiada em 2000 com o Prémio UBU e editada neste mesmo ano. Entre 2000 e 2006 são ainda redigidas *Stranieri* (*Estrangeiros*), *Conversazioni* (*Conversas*), *La casa di Ramallah* (*A casa de Ramallah*), *La pace* (*A paz*), reunidas em 2006 no volume *La casa di Ramallah e altre conversazioni* (*A casa de Ramallah e outras conversas*, com um prefácio esclarecido e de título acertado – "Commedie della storia in quattro atti", ou seja "Comédia da história em quatro actos" – de Franco Quadri). Vale ainda a pena referir as peças inéditas *Non è che un piccolo problema* (*Não passa de um pequeno problema*), *La zoppa deve partorire ma il bambino non ne vuole sapere di nascere* (*A coxa deve parir mas a criança não quer saber de nascer*), *Trattato di pace* (*Tratado de paz*), *Esequie solenni* (*Exéquias solenes*) e *Cara Medea* (*Querida Medeia*), a que se juntam outros breves textos, também inéditos. Em projecto, por encomenda de um teatro napolitano, uma paráfrase da *Mãe coragem* de Brecht. Todas as edições italianas referidas aparecem na prestigiada editora Ubulibri, de Milão.

Para Antonio Tarantino, é a sua própria obra que fala, e deve-se aos Artistas Unidos a divulgação em Portugal deste e de outros dramaturgos italianos contemporâneos.



Mais exactamente ao projecto "Teatros que vêm de Itália", que deram a conhecer Spiro Scimone, Fausto Paravidino, Ascanio Celestini, Davide Enia, Letizia Russo e o próprio Antonio Tarantino, dedicando-lhes um número especial da *Revista* (n.º 11, de Julho de 2004), bem como uma série de espectáculos, leituras públicas e encontros, alguns integrados na XXI edição do Festival Internacional de Teatro de Almada. Os Artistas Unidos bem entenderam que não há uma Itália, mas muitas, tão distantes e diferentes entre si como se de várias nações distintas (ou vários satélites que orbitam à volta de um corpo de massa indistinta) se tratasse. Unidas porém pelo teatro, pelas efabulações cénicas que falam de terras e gentes longinhas, por vezes comungando a mesma História, ou a condição comum de exclusão dela.

E foi no dia 18 de Julho de 2004 que, na presença do Autor, houve no Teatro Municipal de Almada a leitura pública, dirigida por João Meireles, de *A casa de Ramallah* (publicada na *Revista* acima referida), por Jorge Silva Melo, Isabel Muñoz Cardoso e Carla Galvão, na tradução cuidada de Alessandra Balsamo, atenta à seca torrencialidade do original. Um texto maduro, desapiedado, que relata a história de uma adolescente que se fará explodir por uma causa insensata e maior do que ela, com o consentimento



dos pais, cúmplices orgulhosos e impotentes de mais um martírio inútil. Se nos textos de estreia uma condição individual anti-mítica e desmistificada é o eixo de uma acção cénica movimentada pela palavra, nesta peça o núcleo alarga-se a uma família e, como pano de fundo, há os cursos e recursos históricos das tensões entre vários mundos e pensamentos em antagonismo. Mas será em *Materiais para uma tragédia alemã* que o texto de Tarantino irá convocar uma multidão de personagens, dando vida, através de uma coral imponente, a uma fatia negra da História recente e dos seus desvios. O terrorismo na Alemanha dos anos 70, semeado pelo grupo Baader-Meinhof, com ligações internacionais, é muito mais do que um mero episódio de crónica nacional. E o "suicídio de Estado" dos réus veio comprovar, se não tivesse chegado o resto dos acontecimentos, a existência de um terrorismo de Estado. Foi uma época sombria na História europeia desses anos. Em Itália, devido ao clima de terror pelos sucessivos atentados dos movimentos de extrema-esquerda e de extrema-direita, foram chamados "os anos de chumbo", mas na realidade foram anos de rios de sangue... O pintor dramaturgo assume-se assim, implicitamente, como um autor empenhado, crítico, atento, sensível aos movimentos da alma individual e da consciência colectiva.

Retomando os dados sobre a sua presença em Portugal, a 12 de Novembro de 2005 houve uma sessão organizada pelos Artistas Unidos e pelo Atelier Européen de la Traduction de Orléans, representados respectivamente por Jorge Silva Melo e Jacques Le Ny, em que, ao abrigo de um intercâmbio financiado pela União Europeia, estiveram presentes Judith Herzberg, António Tarantino e Juan Mayorga. Houve uma conversa com os autores, e leituras de excertos da sua obra editada nos Livrinhos de Teatro (a tradução de Tarantino foi apoiada pelo AET e pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros Italiano; a de Mayorga pelo AET; a de Herzberg por várias Instituições dos Países Baixos). Nessa ocasião, Maria João Luís mostrou toda a sua imensa estatura de actriz dramática e irónica na interiorização e extroversão com que leu trechos de *Stabat Mater*. Mas até à estreia da peça na íntegra, passou quase mais um ano. Entretanto, houve a apresentação de *Paixão segundo João*, estreada no dia 11 de Junho de 2006 no Convento das Mónicas, com os diálogos-monólogos de ritmo obsessivamente desesperantes e desesperados dos actores Miguel Borges e Américo Silva. No mesmo local, no dia 12 de Outubro e na presença do autor, foi a vez do *Stabat Mater* em versão íntegra, com uma soberba interpretação de Maria João Luís. Em ambos os casos, Jorge Silva Melo assinou uma encenação experiente e certa, tratando as palavras como se fossem pérolas, mesmo quando são feitas de pedra. Na prática, sempre.

É pois esta uma das características da escrita de Tarantino: a de uma segura que dói e corrói a alma. Ele, o pintor, mostra-nos em matéria e corpos cénicos todo o horror do *Grito* de Munch. As suas palavras feitas pedras são porosas, e nesses poros cabem todos os líquidos de um corpo vivo: o suor, as lágrimas, o sangue. Nos seus livros, as frases dos monólogos têm a disposição em verso, como se de poesia se tratasse. E a poesia está presente, crua e torrencial, não isenta de ironia e ternura, mas sobretudo raivosa, de revolta contra condições desumanas, de acusação à vida e à sociedade que dá o seu consentimento à perpetuação dessas condições.

Será por isso que os protagonistas de *Stabat Mater* e *Paixão segundo João* são emblemáticos de certas camadas da nossa sociedade. Resultado da cultura judaico-cristã, eles encarnam o negativo de figuras míticas que moldaram a História do Ocidente. São, ainda, actualizações profanas e profanatórias dos mitos em que são emolduradas: uma Maria que é quase uma Madalena, santa e pecadora, mãe de um visionário subversivo; um louco que se identifica com Cristo; um enfermeiro que é o seu único evangelista. Todos eles, Maria Madalena não arrependida ou pobres Cristos, percorrem o seu Calvário nas margens do mundo, excluídos daquela sociedade de consumo próspera e feliz

<
Paixão segundo João,
de António Tarantino,
enc. Jorge Silva Melo,
Artistas Unidos/Tá Safo,
2006 (Miguel Borges),
fot. Jorge Gonçalves

>
Paixão segundo João,
 de Antônio Tarantino,
 enc. Jorge Silva Melo,
 Artistas Unidos/Tá Safo,
 2006 (Miguel Borges),
 fot. Jorge Gonçalves



proposta pelos *media*, podre e falsa até às entranhas. Destinos não escolhidos, percorridos até ao Gólgota, lutando pela sobrevivência, talvez sem nenhuma hipótese de redenção, mas com todo o direito a ela. Adquirido naquele campo de batalha que é a vida, e de que são vítimas derrotadas à partida.

Eugénio Fuentes, escritor espanhol conhecido pelos seus *thrillers* negros, entrevistado no dia 24 de Março de 2007 por Luís Caetano no programa "A força das coisas", da RDP Antena 2, manifestou a sua admiração pela figura do Quixote cervantino, falando a seu respeito de uma "poética da bondade". É uma definição admirável, pois seria mais óbvio falar numa poética da utopia ou da irrealdade, traços que reenviariam para a força tragicómica do cavaleiro da triste figura, idealista quase até ao ridículo, mas intrinsecamente humano e comovedor. O paralelismo que se poderia formular em relação a certas personagens de Tarantino, é que elas possuem todos os elementos para que se fale numa poética da pureza, ou, ainda, numa poética da inocência.

Maria, Ele e João carregam culpas que não lhes pertencem: a de terem nascido num tempo e num lugar errados, sem o pedirem, e a de terem uma vida que se lhes impôs de fora, por aquela sociedade que os empurra para os seus lugares escusos de exclusão. A conclusão a que se chega é que não há inocentes. Ou, pelo menos, que mesmo nós não somos inocentes, com a nossa

"caridade peluda" (como, no libreto de Lorenzo Da Ponte para as *Bodas de Figaro* mozartianas, a personagem homónima acusa o seu rival, Conde d'Almaviva), a nossa compaixão inane, a nossa integração mais ou menos precária, conformista ou conformada. Mas a verdade é que sentimos todo o amor que Tarantino tem pelos seus anti-heróis, pelos seus excluídos aflitos de verborreia, proferida para destinatários ausentes ou surdos, todos à beira da loucura num mundo louco e de loucos. Ou apenas, terrivelmente, sem nenhuma piedade. Percorrendo estas trajectórias de dores infinitas e anónimas, o teatro procura devolver aos espectadores uma humanidade talvez perdida, um sentido de colectividade talvez esquecido, um *religare* genuíno e não dogmático, uma bondade talvez utópica mas nobre... Todos elementos que é urgente não perder ou reencontrar.

Louve-se, por fim, a tradução de Tereza Bento, que alcança uma coerência e unidade notáveis na devolução de um italiano difícil, de oralidade muito pessoal, por vezes trivial nas muitas matizes de um ordinário sinónimo da degradação das personagens. No fundo desse inferno, em que todas caíram, é ainda pela linguagem que se erguem orgulhosas em defesa da sua dignidade ofendida e da sua humanidade magoada. É assim tangível o facto de a tradutora ter comungado com o registo e o tom geral do autor, respirando com o mesmo ritmo poético e com o mesmo sopro de longo fôlego.